



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Almirante Duque de Pick-Nick e Conde da Floresta Negra

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 1 DE OUTUBRO DE 1867

N. 4.

Rio de Janeiro, 1.º de Outubro.

Fica uma vez por todas provado que o segundo semestre do anno é para o nosso Brazil o mais fecundo em acontecimentos.

Não se trata de aguas passadas, como sejam: a crise bancaria — a chuva de pedra — o apparecimento do cholera — a guerra do Paraguay — a falta de trocos — a propagação dos vales etc. etc. — trata-se de assumptos da mais alta transcendencia; de assumptos que affectam directamente a economia politica. As inscripções que trazem no frontespicio, revelam a sua importancia e por isso nos apressâmos em descortinal-as, fazendo as considerações que nos suggerem. Por enquanto, contamos tres, talvez appareçam mais tarde outras.

Assim temos:

O convenio da cerveja.

O convenio do fumo.

O convenio dos jornaes.

O primeiro, pobre jangada sem piloto, por fatalidade já deu á costa na revolta praia de um convencionista dissidente. Os consumidores de tocha em punho, na theoria opposta dos philosophos, Proëthes e Ciestrys riram a bandeiras despregadas e misturaram quentes lagrimas ao triste « *De profundis* » da convenção.

O segundo, esvaio-se em fumo e transformou o nosso céo tão puro em carrancudo e escuro céo inglez.

O terceiro, esse ha de ser mais feliz. Semelhante à conspiração que com a monarchia ingleza de então levou ao patibulo a cabeça de Carlos I, parece querer levar ao cadasfalso a angustiosa economia do pacifico assignante da grande imprensa.

Banhou-se no sangue das duas victimas que o precederam, e desse banho ergue-se forte e terivel. Em lugar da leitura dessa grande imprensa, podemos agora saborear em paz o delicioso nectar de *Cambrymus* e fumegar como a mais bojuda chaminé. Verdade é que para nós a posição tornou-se critica. O nosso jornal satisfazia perfeitamente o *desideratum*:

Bom e barato.

Alguns dos nossos bons assignantes, porém, nos ponderam que precisamos sustentar a proporção; é assim que tambem submettemos a esses nossos bons amigos as nossas resoluções.

« A alta que tem tido o custo do lupulo nas fabricas do Japão e o grande augmento do consumo que fazemos deste artigo, fornecendo a cada assignante umas 500 garrafas por anno, já faziam que da importancia que recebiamos pela assignatura, apenas sobrassem alguns cobres que mal chegavam para a despeza da distribuição e commissão de cobrança, visto pouco produzir hoje o rendoso *a pedido* e a mina dos *annuncios*.

O desequilibrio do cambio augmentando um terço não só o preço do lupulo, do fumo e de outros artigos que forçosamente temos de importar, mas tambem as avultadas quantias que por causa dos consumidores, despendemos fóra do paiz, como assignatura de folhas de fumo estrangeiro e honorarios de nossos correspondentes na China (boas esponjas), veio deixar a actual importancia da assignatura fóra de toda a proporção com a parte da nossa despeza que com ella tem de ser *coberta* (oh! oh!).

Estas razões obrigam-nos, máu grado nosso, a distribuir pelo mesmo preço 2,000 exemplares em lugar 500, ajuntando apenas as condi-

dições seguintes, que deverão ser fielmente observadas pelos nossos assignantes:

A tomarem cerveja todas as vezes que lerem o *X*, e a reproduzirem a leitura seis vezes, tornando-o assim igual em materia aos distintos collegas.

A só receberem d'ora a vante cartões e valles cujo — *In hoc signo vinces* seja

ALLAH! X!

MODAS.

Verso e reverso.

E' sabido que a critica tem as suas aberrações, e os seus caprichos, no numero dos quaes deve de certo entrar a denominação com que ella appellidou os homens *pés de boi*, designação burlesca que outr'ora se dava ás pessoas honradas, e que hoje os janotas substituiram pelo nome de *jarretas*.

Não é facil fazer uma analyse concisa dos diversos typos da nossa sociedade, e até mesmo Lavater, se viesse hoje a este mundo ver-se-hia muito atrapalhado, atrapalhadíssimo em descrever-los todos.

Porém os mais originaes são os *janotas* e os *jarretas*.

Ambos elles andam sempre *de ponta* na ponta da lingua, e com apartes epigrammaticos batem-se todos os dias, a cada segundo, a cada momento que se encontram. Entre elles não ha tregoadas!

Uma tarde entraram estes doux typos no jardim do largo do Rocio ao mesmo tempo.

Enquanto aquelle sentando-se na sua cadeira de assignatura faz o mais *afrancezado* chylo, este de bôca aberta está todo enlevado na estatua de D. Pedro I, que vê pela primeira vez, não obstante ser veterano da independencia.

Depois de ter crusado os braços cahe em uma completa pasmaceira, dizendo:

Oh! meu Rio de Janeiro quem te vio e quem te vê!

As crianças envelhecem antes da idade, as velhas gaiteiras redicularrisam-se com as falsificações da moda fingindo-se moças, as bodegas passam a aristocraticos hoteis, os theatros metamorphoseiam a *Ignez de Castro* em *Cavalo Fantasma*, ou o *Manoel Mendes Enxundia*, em *Rocambole*, os jornaes augmentam no preço e na semsaboria. As ruas da cidade tambem mudaram de aspecto; aos moleques de barril succederam os burros e as carroças; os tigres se submergiram nos canos da City Improvements,

os classicos lampiões de azeite viraram-se em pharóes de gaz, e mais muitas outras coisas, e está salva a patria!

Tudo finalmente se tem transformado!!

Até as jalecas lutam com as casacas levando-as quasi de vencida, o chapéo de cantimplora foge espavorido aos arroubos da moda, que faz com que se não veja na cabeça, e as caricaturas sobretudo dos passeiantes de luneta e bengalinha, são de tal modo ridiculas que assombram a todos e a tudo.

E continuando nas suas tradições avoengas recorda-se do dito de um sabio, e exclama ainda: *O' tempora, o' mores!*

Eu que ainda ha uns annos passados era um figurino da moda, segundo o bom gosto de nossos antepassados, não tenho mais licença para isso, á vista destes casquinhos todos encasacados, engravatados e embengalados, que se os nossos avós os vissem.... persignavam-se como eu faço.

E como se mudam os tempos e os costumes!?

Ouvi sempre resmungar por ahi que a civilisação pilhára-se de azas, e corrêa o mundo a regenerar o genero humano.

Mas é um engano.

Ora, o que fez a civilisação com azas pelo mundo? O que não pôde fazer sem ellas; viajou, e vio o que talvez nunca tivesse visto nem esperasse ver, se se deixasse ficar nos desertos d'Africa.

Estava, pois, o nosso ginja nestas considerações philosophicas e de bôca aberta, quando de repente vê-se perseguido pelos moleques, que o obrigam a evacuar a praça.

Durante esta scena agruparam-se alguns leões a indagar do facto.

Que dizes a isto? perguntou um delles. Que é um agiota, respondeu o outro. Não, retorquio um terceiro, é um jarreta. E nisto começaram uma animada conversação.

VISCONDE DE COCK-TAIL.

O CYSNE DO BOQUEIRÃO

O! sia qui fine al miò amoroso canto:
Secca e la vena de l'usato ingegno
E la cetera mia rivolta in pianto.

(PETRARCA.)

A terra rasgou-se para receber em seu seio mais um poeta. — Virgilio, Horacio, Anacreonte, Petrarcha, Dante, Chenier, Voltaire, Boileau, Delavigne, Malesherbes, Gilbert, Shakespeare, Byron, Milton, Schieler, Goethe, Camões, Bocage, Garrett, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Alvares de Azevedo, tombáram como elle, feridos pela lei da fatalidade. Elles morreram, mas seus nomes vivem, atravessando os seculos.

Elle morreu, e o seu nome, como um facho luminoso, hade brilhar até á mais remota posteridade.

O vate do Bacanga expirou. Enlutae as lyras! poetas, murmurai tristes endeixas e sentidos carnes!

O Vate do Bacanga expirou! As letras patrias perderam um valente campeão, os belchiores um valente amigo, os jornalistas um collaborador distinto!

A que ou a quem, devemos culpar da perda que soffremos? Ao deprecimento das letras? Ao pouco caso que fazemos dos poetas? A's circumstancias criticas que atravessamos? Não!

Tinha-se habituado á sua pobreza, e, como Camões na miseria, carregava sobre os hombros, placido e tranquillo, o peso dos seus infortunios. Se de vez em quando o seu estro, ainda lampjava fugace nas columnas de um jornal, é que elle já sentia, como o nauta ao longe, erguer-se o vendaval da morte! E assim morreu!...

O seu corpo podia privar-se do alimento, mas não assim o seu espirito. Esse alimento de espirito, elle o achava nos jornaes. Os seus rendimentos não comportavam o augmento das assinaturas, começou pois a definhar, e inanido, desgotoso e fraco, sentio o infortunio sulcar-lhe a fronte, e com elle adormeceu para sempre o Vate do Bacanga!....

Os espectros do jornalismo culpado trepudiam sem remorsos no banquete funebre.

Como Chénier, poucos momentos antes de subir ao cadasfalso, elle ainda uma vez cantou:

Atira, Maranhense, atira,
Que atiras nos gambás:
Em leques de minhas palmeiras
O canto dos sabiás.

Foi o ultimo canto. O Cysne do Boqueirão exhalou com o ultimo canto, o ultimo suspiro!

O nosso grande prosador, o preclaro iniciador das varonis idéas, o vasto irmão da deliciosa e herculana irmã, o eminente Francisco Gomes de Freitas, o melhor apreciador dos verdadeiros poetas; mandou gravar-lhe na lapide a seguinte eloquente inscripção:

Aqui jaz do Bacanga o vate:
Pasteis comeu sem ter dinheiro,
Mas nunca do—*Na porta bate*
Filou se quer um só tinteiro!

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

A PROPOSITO DO ROCAMBOLE.

CONVERSAÇÃO NO GYMNASIO ENTRE VARIOS ESPECTADORES.

— O que me diz, meu amigo, ao Rocambole?!

— Divino, divino.... é uma cousa soberba! Por mim, confesso que ainda não vi nada que que tanto me maravilhasse!

— E tem razão! Isto é surpreendente, é deslumbrante! O folhetim do *Jornal* não o leio mais, devoro-o. Sinto cá dentro uma ancia e uma fome tal de Rocambole que nem durmo nem como socegadamente.

— E' exacto, eu o creio, porque para mim o

melhor jantar e as melhores iguarias não valem duas paginas do bello romance de Ponson du Terrail.

— Nunca se escreveu cousa assim em comprimento e em grossura. E' preciso ser moço para o comegar a ler, se é que o leitor não tencionia leval-o para o outro mundo quando se despedir deste.

E ainda me fallam no *Judeu Errante*, de E. Sue, nas *Memorias de um Medico*, nos *Tres Mosqueteiros*, nos *Mysterios de Paris*, na *Notre Dame*, e com desmedido elogio nos *Miseraveis!*.... O que são todos estes romances ao pé do Rocambole?! São um atomo, uma sombra que passa nos ares sem jámais offuscar o sol!....

— No dizer de um meu amigo, estudante de theologia, só um escriptor contemporaneo pôde hombrear com Ponson du Terrail.

— Advinho quem é?!

— Ora diga lá se é capaz?

— O autor do *Cavallo Fantasma*.

— Não — respondeu um terceiro espectador, com algum espirito—ha de ser o proprio *Cavallo*.

— Enganaram-se redondamente... é E. Renan que ainda ha pouco escreveu a Vida de Jesus Christo.

— Como? que semelhança ha entre os dous escriptores?

— Ha muita, acudio um intromettido, ha grande analogia entre elles, mesmo pelo facto de ambos manifestarem idéas oppostas em materia de religião. Um não crê em ressurreições, o outro não só crê nellas, como as julga uma necessidade imperiosa, para o que haja exemplo na maneira pela qual elle faz ressuscitar o chefe dos *Valetes de Copas*, o mais temivel e famigerado de quantos ladrões e assassinos ha.

— Uma observação....

— Deixem-me acabar primeiramente.

Querem saber, pois, a razão do dito do estudante de theologia?... E. Renan está excomungado no corpo e na alma pelo Summo Pontifice, e o seu nome foi levado ás torturas da inquisição espiritual, e ao *Index* em que têm iucado inmemoraveis as glorias litterarias dos homens mais proeminentes do mundo.

Ponson du Terrail, ao contrario, não está condemnado a nenhum aucto de fé, e o seu romance é lido e applaudido a estas horas nos corredores do Vaticano, onde o entusiasmo dos gatarrões pingados chega ao delirio.

Com a ressurreição do Rocambole o catholicismo reconquistou toda a sua primitiva influencia nos espiritos fortes, que negavam os dogmas e os milagres ensinados pela igreja.

Isto por mais que me digam acaba em alguma canonisação!

Eis ahi porque Renan se aproxima e hombreia com du Terrail. Na cidade eterna onde ambos estão o céo distancia pouco do inferno.

Nesta occasião subio o panno, e ficou por conseguinte interrompida a conversação, que, sem fazer parte do cartaz, tornou o spectaculo mais variado e divertido.

A. Pk. Nk.

O LIVRO NEGRO.

POR UM SOCIO DO X.

I.

Na poetica e encantadora estação dos amores e das flores, quando as avesinhas trinam muiosos cantos, que uma brisa amena e suave impelle por entre colinas e alcantis; quando a calma ardente de uma sesta extenúa a matéria para accender o espirito, elevando a inspiração do homem, do homem só, á altura da natureza em todo o seu explendor; na estação em que o sol rasga mais brilhantemente o espaço, alargando os horizontes atravez das brumas que se desfazem; nessa estação, quem tiver alma e a não sinta adormecida dentro em si, atravesses a magestosa bahia desta capital e vá deleitar-se algumas horas em S. Domingos, no arrabalde dos meus sonhos, no empyreo das mais formosas feiticeiras.

Um entusiasta como eu, disse-me um dia com a apparente seriedade de um conego, que Milton adormecera uma noite encostado á sua banca de trabalho, e que apoz um longo sonno despertára com o cerebro a escaldar de poesia e de inspiração.

Tinha sonhado, dizia elle, e vira com os olhos d'alma, o que os olhos do corpo não poderiam vêr, vira S. Domingos no meiado do seculo actual, com as suas grutas, os seus jardins e as suas Venus, e escreveu para logo o Paraíso Perdido.

Isto é na verdade um arrojo que eu deixei passar á conta do seu entusiasmo, mas o que é certo é que em S. Domingos ninguem, velho ou moço, pôde supportar o tédio do isolamento, e entre quatro paredes solitarias, ninguem, porque ali em cada janella ha sempre um olhar tranquino de maliciosos 14 annos a despedir uma esperança e a colher uma promessa; ha uns labios, que se abrem, como o calix da rosa em botão, para receberem o orvalho do amor, orvalho menos frio e gelado que o da manhã.

Quem nunca ergueu a fronte acima deste inferno de agiotas deve, á semelhança do mergulhador, despir-se, por um instante ao menos, dos algarismos que o circumdam e ir inebriar-se no verdejante *parque* da minha paixão.

Lá a poesia é muita.... muita.... tanta que o homem não vive, sonha.

O' S. Domingos! quem te deu o nome de uma ordem ascetica, tenebrosa como os vendavaes no oceano, mentio á tua indole e aos teus encantos.

Rainha nessa tua simplicidade campestre, graciosa como a aldeia em domingo festival, seductora como as tuas fadas e o teu céo azul de felicidades, tu, bairro gentil, deves ter sido o berço dos mais inspirados poetas, que, ignorados e perdidos talvez, nunca poderam surgir acima de uma operação mercantil.

Na rua Aurea, em S. Domingos, ha do lado esquerdo subindo da praia das Frechas um pequeno kioske, solitario como um castello da idade média, no meio dos seus dominios.

Tem um aspecto agradavel, não pela archi-

tectura, mas por representar a verdadeira feição da casa de campo.

Os seus primeiros moradores foram tres jovens de 20 a 25 annos. Cada qual mais alegre e divertido, sentia um vacuo profundo no coração, deixando cá desta margem o estrepito e as folias da corte.

As saudades, porém, foram rapidas. Algumas noites depois da transferencia de domicilio, Athayde de Oliveira propunha, em sessão secreta, aos seus companheiros Eduardo Mendonça e Miguel de Vasconcellos, uma *serenata* preliminar, pois dava como razão da sua proposta que não ha livro sem prologo, nem spectaculo sem *ouverture*. Não havia violão; e isto era, como nós todos sabemos, o objecto principal do projectado passeio.

Vasconcellos lembrou-se de ir fallar a respeito com um vizinho conhecido, e dahi a pouco entrava pela porta dentro com um *cavaquinho* em punho.

Os tres estroinas não ignoravam de todo em todo onde pernoitava a caça. Sahiram, e depois de alguns minutos de pausado andar, sentaram-se debaixo das janellas de seis lindas meninas. Por aqui se nota como elles eram previdentes.... seis alvos para tres tiros.

Cantaram e tocaram até ás duas horas da noite, sem que os caçadores podessem atrahir a caça.

Continúa.

POESIA

A volta das corridas

(PARAPHRASE) (*)

Uma tarde das quatro horas á vante
Na estrada um cavalleiro o sol fitava,
Tinha o olhar pensativo e vacillante,
Em desgraçada queda meditava.
A multidão a rir-se, a cada instante
Par'cia que em redor se apresentava:
Coracão seu partia-se em fatias,
Vendo-se exposto a tantas tropelias.

Atormentava-o a lugubre lembrança
De não tel-o poupadão a *tyrannia*
Do povo e dos moleques!! A esperança
De mostrar que — montava — onde a *poria*,
Se era a sorte fatal de dira *herdanca*
Que na areia o estendêra em fausto dia, (**)
Plantar uma figueira.... oh! que tormento
Para quem brilhar quer em tal momento.

Suspirou.... e depois desabafando
Por musica tristonha e compungida,
Abatido seguiu o caminho *infando*....
Levava n'alma a dôr, pungente *frida*
Aberta por — sendeiro — mui *nefando*,
Que lhe deixára a fama *submergida*
Ante as damas, que um rir louco e *esgacado*
Quasi ao dilirio tinha as *entregado*.

MARECHAL PICA-PAU.

(*) Canto IV da PEDREIDA, obra rara.

(**) Domingo das corridas na Praia Vermelha.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.